

Assim trabalhamos o Projeto Roma na escola¹

Rafael Ávila Cañizares*
María José Parages López*
María Teresa Sánchez Palma*

As professoras e professores que pertencemos ao grupo de professorado do Projeto Roma chegamos a ele por diferentes razões, ainda que com um elemento comum: a necessidade de uma mudança em nossa prática educativa que nos permita seguir trabalhando e, ao mesmo tempo, dar resposta às necessidades de nossos alunos e alunas. Esse denominador comum nasce da experiência acumulada de anos de trabalho e da convicção de que a escola na qual estávamos não respondia à demanda de nosso tempo e tampouco à cultura da diversidade. Além disso, une-nos uma fundamentação teórica comum da qual deduzimos uma série de princípios que orientam nossa prática diária e que passamos a enumerar sem mais preâmbulos:

- Somos conscientes de que todas as meninas e meninos são competentes para aprender e é nossa responsabilidade procurar as estratégias necessárias para que essa competência se faça realidade.
- Estamos convencidos de que devemos ter princípios teóricos que fundamentem nossa intervenção. Sem teoria não pode haver uma boa prática. A base de nosso trabalho é a investigação, por isso construímos novas teorias a partir da prática.
- Entendemos, a partir da contribuição de Luria, Vygotsky, Bruner, Das..., que a origem da aprendizagem é social e, portanto, o processo de ensino-aprendizagem em nossas salas de aula tem que ser cooperativo e solidário, e não individual e competitivo. Nossas salas de aula são espaços de indagação, de descoberta, de transformação. Professores e alunos aprendemos através da investigação.
- Acreditamos que é fundamental desenvolver o mundo das emoções e dos sentimentos nas crianças, mas não como meras questões “transversais”. Os valores não se ensinam, os valores se vivem.

* Profesores do Colegio de Educación Infantil y Primaria Manuel de Falla, de Málaga, España.

- Seguimos como guia, dentro de nosso modelo educativo, um grande princípio e valor: a valorização das diferenças. Isto é, para nós, a diferença de raça, gênero, competência cognitiva, etc. não só é respeitável, mas também é algo que nos melhora, que nos enriquece e, portanto, é algo valioso. Por isso, os grupos de trabalho em sala de aula serão o mais heterogêneo possível para que todos os seus integrantes possam enriquecer-se.
- Estamos convencidos de que nosso trabalho é eminentemente ético: preocupa-nos que nossos alunos e alunas, além de chegar a ser pessoas cultas, também sejam “boa gente” e se convertam em cidadãos democráticos e livres. Não se educa “para” a democracia, mas “na democracia”; não se educa “para” a solidariedade, mas “na solidariedade”

Os projetos de investigação

Tendo estes princípios como base de nosso trabalho, consideramos que a melhor maneira de levá-los à prática é através do que nós denominamos projetos de investigação, que não devem confundir-se nem com os contratos de trabalho nem com unidades didáticas. Os projetos devem seguir uma mesma seqüência lógica em seu desenvolvimento. Todos eles respondem a um plano que deve considerar as pretensões (objetivos), o modo de levá-lo à prática e uma avaliação. O plano sempre surge de uma situação problemática da vida cotidiana. O processo que seguimos é o seguinte:

- Assembléia Inicial: parte-se de uma representação mental (imagem) da situação problemática e se vai construindo com as diferentes intervenções e pontos de vista de cada criança.
- Plano de ação: não só se deve ter consciência de que existe uma situação problemática, mas também que é necessário um plano de ação para sair dela. Neste plano de ação se planeja tanto o genérico como o específico. Entendemos por aprendizagem genérica o que pretendemos que todos consigam através deste projeto e aprendizagem específica o que vai ajudar a melhorar a cada um em particular.
- Ação: tudo que foi planejado e pensado deve ser executado.
- Assembléia Final: é o momento de avaliar todo o processo de trabalho e propor novos projetos.

Como é difícil desenvolver em tão curto espaço todo um modelo educativo, pensamos que o mais adequado seria apresentar detalhadamente um projeto de

investigação dentre os que desenvolvemos em sala de aula, já que organizamos todo o currículo através deles.

Um exemplo: “Nossa Comarca: La Axarquía”

Desenvolvemos o projeto de investigação com os 19 alunos e alunas do 5º A e com os 20 do 5º B².

Assembléia inicial

Este projeto surge na Assembléia porque vai ser o Dia da Andaluzia³ (situação problemática). Os alunos manifestam o que sabem: que Andaluzia tem 8 províncias e que Málaga, a sua, tem 7 comarcas. Mas também se deram conta de que não conhecem bem sua comunidade, não sabem quantos povoados tem a província de Málaga nem conhecem nada deles. Propõem que o resto dos alunos do colégio participem deste projeto para que cada ciclo⁴ pesquise sobre cada uma das comarcas da província de Málaga. A idéia é aceita e se repartem as sete comarcas.

Aos dois grupos de 5º lhes corresponde a comarca de La Axarquía. Na assembléia se originam questões de investigação tais como: Que é uma comarca? Como é a comarca da La Axarquía? Quantos povoados há na comarca? Onde está e de que vive esta comarca? Como se organiza cada comarca? Como se governa? De onde sai o dinheiro para elas? É autônoma? Qual é a relação com a Junta de Andaluzia⁵? Decidimos por consenso, como sempre, que toda a informação sobre os povoados, recolhidas pelos grupos, será colada em um papel contínuo que se colocará no corredor para que todos possam vê-la. Os alunos situam o projeto na dimensão de Processos Cognitivos (é um modo de definir o projeto), pois o que pretendemos é, fundamentalmente, a organização do espaço (geografia) e a organização do tempo (história).

Plano de Ação e grupos de trabalho heterogêneos

Uma vez situado o projeto em uma dimensão e, tendo em conta o planejado na assembléia, agora, em grupos heterogêneos, começamos a planejar o Plano de Ação, que nos permitirá dar resposta às dúvidas apresentadas na assembléia. Fazemo-lo através de um Plano de Operações (são todas as estratégias que vamos realizar, seguindo o processo lógico de pensamento, para responder a essas dúvidas). Nesta fase, cada integrante do grupo expressa verbalmente o que vai

fazer no genérico e no específico para resolver a situação problemática. Pertencer a um grupo exige uma série de responsabilidades que as crianças assumem e distribuem por consenso:

- Coordenador/a: pessoa que se encarrega de que se chegue a acordos dentro do grupo.
- Secretário/a: pessoa encarregada de escrever todas as discussões e acordos que se dêem no grupo.
- Responsável de Material: pessoa que proporciona ao grupo o material necessário para o desenvolvimento do projeto e que zela por seu bom uso.
- Porta-voz: pessoa que informa à assembléia sobre o trabalho realizado por seu grupo durante todo o projeto, os resultados obtidos, as dificuldades e as soluções encontradas.

Plano de Operações

Considerando o que foi acordado na assembléia e depois de ter realizado muitos planejamentos em anos anteriores, realizam seu Plano de Operações. Este consiste em:

- O que sabemos?: Que Andaluzia tem 8 províncias, que nossa província tem 7 comarcas e que não conhecemos os povoados que formam a comarca de La Axarquía.
- O que queremos saber?: A situação geográfica de La Axarquía. Que povoados a formam? A história, gastronomia. A flora e a fauna. Suas festas, seus monumentos e seu artesanato. Como se organizam? Como se governam? De onde sai o dinheiro para ela?
- Como vamos averiguá-lo? O que construiremos e como apresentaremos aos demais?

Reuniremos informação sobre estes povoados para depois colá-la no papel contínuo que colocaremos nas paredes do corredor onde está nossa sala. O grupo levará em conta as cores com as quais pintaremos as margens das folhas, o modo como vamos pintá-los e as medidas das margens das folhas, que toda a classe decidiu. Também faremos uma maquete com massa de modelar. Na maquete colocaremos cartazes de cartolina com o nome de cada povoado e sua localização na comarca de La Axarquía.

Informação para construir a maquete

Em primeiro lugar, devemos procurar informação sobre os seguintes conceitos e habilidades:

- A história dos povoados: situação no mapa, música e folclore. Procuramos estes dados na biblioteca, na Internet e nos livros da sala.
- Planos, escalas, proporções e ampliações de desenhos com escala (no livro de Artes Plásticas e de Matemática).
- Passos para fabricar uma maquete (no livro de Conhecimento do Meio⁶ e outros da sala).
- Figuras geométricas: prismas, pirâmides, etc., sua área e volume (livro de Matemática de 4^a, 5^a y 6^a).
- Medidas de superfície e de comprimento (livros de Matemática). Encontrar a superfície da parede e do papel contínuo.
- Operações com números decimais e inteiros: adição, subtração, multiplicação e divisão (livros de Matemática). Dividir o papel contínuo em partes iguais. Frações.
- Averiguar a técnica de pintura necessária para que dure.
- Informação sobre o clima e ciclo da água e como afeta a paisagem (livros de Conhecimento do Meio do colégio).

Tempo, lugar e recursos materiais

Analisaremos o tempo de que dispomos (aproximadamente duas semanas), e onde realizaremos a tarefa (na própria sala).

Além disso, prepararemos uma relação dos materiais necessários: o que temos (lápiz, massa para modelar, régua, folhas, canetas hidrocor, canetas esferográficas...), do que mais necessitamos (cartolinas e palitos) e onde iremos procurá-los (na Secretaria e na cozinha do refeitório). Se em algum momento não dispusermos do material necessário, pediremos emprestado aos demais grupos; se não for possível, seguiremos procurando informações e, quando chegar o material, continuaremos a maquete.

Recursos pessoais a nível genérico

Definimos o que vamos fazer em cada zona para construir a maquete:

- Processos cognitivos: executar o planejamento (Plano de Operações); classificar os distintos povoados por comarcas; situar cada povoado no

- espaço, indicando os limites de cada um; procurar a história da comarca e de cada povoado; e confeccionar o mapa necessário para a maquete.
- Linguagem: procurar e escrever toda a informação que o grupo necessita para fazer a maquete (medidas, cores, escalas e técnicas de pintura). Procurar e escrever toda a informação que havia sido planejada anteriormente como necessária.
 - Afetividade: normas para fazer a maquete e para que o projeto tenha êxito; normas de ortografia para escrever a informação do mural; normas de convivência nos povoados; normas de limpeza para não sobrecarregar as funcionárias da limpeza do colégio; e valores que devem ser colocados em uso para que o projeto tenha êxito.
 - Autonomia: confeccionar a maquete e colar de maneira adequada em papel contínuo toda a informação sobre os povoados que tenhamos conseguido.

Recursos pessoais a nível específico

Cada aluno, de forma individual, se perguntará: Para que vai me servir este projeto? A que dimensão corresponde o que quero melhorar? Que tenho que fazer a partir das outras dimensões para consegui-lo? Eis aqui alguns exemplos.

O menino 1 formula este objetivo: “Quero melhorar a atenção” (processos cognitivos):

- A partir da linguagem: “Tenho que escrever tudo que acontece no grupo”.
- A partir da afetividade: “Devo cumprir todas as normas que são necessárias para estar atento, escutar a pessoa que fala no grupo, não pensar em outras coisas, contribuir com idéias ao grupo...”
- A partir da autonomia: “Pedirei ajuda às pessoas do grupo para estar atento (autonomia social) e tenho que prestar atenção (autonomia moral)”.

O menino 2 e a menina 3 pretendem melhorar a linguagem lógico-matemática (linguagem):

- A partir dos processos cognitivos: “Tenho que recordar tudo que sei sobre operações com números decimais e números inteiros, assim como sobre a área e volume de figuras geométricas”.
- A partir da afetividade: “Devo levar em conta todas as normas necessárias para realizar bem o cálculo e a geometria”.

- A partir da autonomia: “Devo realizar os cálculos, as medidas e operações necessárias para a execução do projeto”.

A menina 4 deseja realizar melhor os planos de operações (processos cognitivos):

- A partir da linguagem: “Utilizo uma linguagem correta tanto escrita como falada, trazendo contribuições tanto no planejamento do projeto como nos planos de operações”.
- A partir da afetividade: “Devo cumprir as normas de trabalho em grupo e devo ser solidária e tolerante quando se planeja”.
- A partir da autonomia: “Devo participar ativamente no planejamento e nos planos de operações pedindo ajuda ao grupo quando necessário”.

E se falta algum colega? Continuamos trabalhando o projeto e, quando vier, dizemos a ele o que fizemos.

Ação

Até este momento só se planejou o necessário para poder confeccionar a maquete e o mural que nos permitam responder às dúvidas apresentadas na assembléia. Este planejamento pertence ao âmbito do pensar. A partir deste momento, tudo o que foi planejado deve ser levado à ação; a partir de agora as meninas e meninos começam a fazer tudo que haviam pensado. Estamos no âmbito do atuar.

Assembléia final

Neste momento, o porta-voz de cada grupo expõe e mostra a toda a classe o trabalho de investigação que seu grupo realizou. Trata-se de uma assembléia conjunta entre as duas turmas de 5^o. É um momento de avaliação no qual vemos o que queríamos aprender, o que aprendemos, que dificuldades tivemos durante o processo e como as resolvemos, o que nos falta aprender ou quais interrogantes nos falta resolver. O porta-voz expõe à assembléia o planejamento realizado e esclarece todo o Plano de Operações e a que se comprometia cada pessoa do grupo tanto no genérico como no específico.

No caso concreto deste grupo se chega a conclusão de que o menino 1 deve continuar se esforçando para estar atento, o menino 2 e a menina 3 melhoraram muito na linguagem matemática e a menina 4 aprendeu a fazer bem os planejamen-

tos e a colocá-los em prática. A assembléia final continua até que tenham sido expostos os projetos de todos os grupos, o que costuma durar alguns dias.

Chega-se à conclusão de que já conhecem sua comarca e seu país, que se divertiram fazendo os projetos, que o resto da assembléia os parabenizou pela maquete realizada e que gostaram que seu trabalho ficasse exposto para todos os alunos do colégio (normalmente, os projetos são expostos em uma sala vazia destinada para tal). Finalmente, combinamos que, como temos um colega uruguaio que chegou este ano, podemos seguir conhecendo o mundo e nos aprofundar no país de Luciano, nosso amigo. É assim que surge o novo projeto de investigação: “Conhecer o país de Luciano”. Todos mostram muito interesse em conhecer sobre o Uruguai e surgem muitas perguntas. Isso sem dizer que Luciano se mostra alegre e disposto a resolver as dúvidas que possa...

Após vários anos trabalhando com o mesmo modelo, estas meninas e meninos interiorizaram o processo que acabamos de descrever; o que aparentemente pode resultar complexo, para eles é seu modo natural de aprendizagem.

Esta nossa forma de trabalhar gerou a necessidade de nos encontrar e compartilhar as estratégias e dificuldades que íamos descobrindo diariamente e isso nos levou a estabelecer um calendário de reuniões (às vezes eram semanais e atualmente, quinzenais) nas quais, como grupo de reflexão, se vai revisando a teoria e a prática. Uma das aprendizagens destes anos foi que a teoria é necessária, mas que não devemos submeter-nos a ela; aprendemos que a reflexão conjunta nos permite reelaborar e construir novas teorias (com simplicidade e humildade), dando forma ao caminho que vamos percorrendo como grupo e como profissionais e pessoas. Recuperamos nossa esperança no trabalho e acreditamos contar com as ferramentas necessárias para enfrentar a realidade escolar apesar de sua complexidade e suas contínuas transformações. Talvez sejamos utópicos e sonhadores (nós tentamos tornar realidade esse sonho todos os dias das 9 às 14 horas em nossas classes), e encontramos também muitas resistências que tentamos resolver ou ultrapassar com maior ou menor acerto, muita energia e algo de sofrimento. Para terminar, não podemos deixar de mencionar, na balança do positivo, a possibilidade de trabalhar juntos na mesma escola, concedida pela Delegação de Educação e Ciência de Málaga da Junta de Andaluzia, a três dos componentes do grupo. Graças a tal concessão, por estarmos vinculados a um Projeto de Pesquisa, nosso trabalho teve uma melhor coordenação e deu melhores frutos, permitindo-nos descobrir novas possibilidades que até esse momento, isolados cada um em uma escola distinta, não havíamos podido fazer realidade.

Notas

- 1 Tradução de Maria Sylvia Cardoso Carneiro Investigadora da Universidade de Málaga (UMA). Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Integrante do Núcleo de Estudos em Políticas de Inclusão Escolar (NEPIE) da UFRGS. Original publicado em CUADERNOS DE PEDAGOGÍA DE ESPAÑA, España, n. 346, maio 2005. Disponível em: <http://www.cuadernosdepedagogia.com/ver_detalleArt.asp?idArt=10059&action=ver>.
- 2 Nota Trad.: O quinto ano da escola primária equivale à 4ª série do ensino fundamental no Brasil, se levarmos em conta que a idade média das crianças neste “curso” (série) é de 10 anos.
- 3 Nota Trad.: Andaluzia é a Comunidade Autônoma onde está situada a província de Málaga.
- 4 Nota Trad.: Ciclo é um período didático que mais ou menos coincide com um período psicológico da criança. Normalmente abrange duas ou três séries.
- 5 Nota Trad.: Junta de Andaluzia é o governo da Comunidade Autônoma de Andaluzia.
- 6 Nota Trad.: *Conocimiento del Medio* – Refere-se ao conhecimento do Meio Ambiente e abarca de maneira interdisciplinar a Geografia, a História e as Ciências da natureza.

Rafael Ávila Cañizares

E-mail: faliavila1@wanadoo.es

María José Parages López

E-mail: parages2003@terra.es

María Teresa Sánchez Palma

E-mail: ecazorla@teleline.es

Colegio Público de Educación Infantil y Primaria Manuel

de Falla – Calle Bocanegra, n. 3, Málaga, 29003 – España,

Distrito n.7, Carretera de Cadiz – Tel: 952 32 13 96

Recebido em: 02/03/2006

Aprovado em: 04/04/2006